



Ao chegar à sua 20ª edição, Cine AdUFRJ se consolida como espaço de reflexão a partir de filmes que marcaram época. Conflito entre israelenses e palestinos é o próximo tema. **Página 8**



Foi um sábado de esperança. Milhares de brasileiros venceram o medo da pandemia e foram para as ruas no dia 19. De máscara no rosto e álcool em gel nas mãos, professores, técnicos e estudantes da UFRJ lotaram a Avenida Presidente Vargas para defender a vida, a Ciência e o aumento do auxílio emergencial. O governo sentiu a força do Fora Bolsonaro e tratou de desqualificar o movimento. Em vão. Os organizadores já marcaram o próximo encontro: 24 de julho, nas praças e redes de todo o país. Mais uma vez, a AdUFRJ estará lá, com a certeza de que dias melhores virão...

PÁGINAS 2, 4 e 5



A POLÍCIA MILITAR DE BRASÍLIA reprimiu com violência uma manifestação indígena contra o projeto de lei 490/2007, no dia 22. O PL altera a legislação da demarcação de terras indígenas, com graves prejuízos para os povos originários. Um homem e uma mulher precisaram ser hospitalizados e dez pessoas — algumas crianças, entre elas — ficaram feridas, segundo o Conselho Indigenista Missionário. No dia seguinte ao conflito, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou o projeto, que ainda precisa ser votado em plenário.

EDITORIAL

JÁ É TEMPO DE ESPERANÇA?

DIRETORIA

Alguma coisa acontece em Brasília. Novas revelações na CPI da Covid, denúncias na compra das vacinas indianas, suspeição de Moro ampliada a todos os processos de Lula e Ricardo Salles se demite. O presidente perde as estribeiras com a jornalista Laurene Santos, Mourão se insinua como alternativa. E, ao fundo deste cenário, sustentando o coro dos descontentes, tivemos centenas de manifestações em todo o país, no dia 19 de junho. Ganha corpo e voz a dor dos mais de 500.000 mortos pela pandemia desde fevereiro do ano passado. Cresce na população a percepção de que esse número poderia ser diferente, se tivéssemos uma autoridade sanitária nacional que, ao menos, respeitasse os requisitos mínimos de proteção e contenção da transmissibilidade do vírus.

Na próxima semana, mais um superpedido de impeachment será encaminhado ao presidente do Congresso. Acumulam-se mais de uma centena deles no colo da Presidência da Câmara. E continuamos a nos perguntar (alguns atônitos): o que falta para que seja aberto o processo? Na verdade, não falta muita coisa e sobra dinheiro. O Congresso está dominado pelo “orçamento paralelo”, alimentado por muitos cargos e comissões. Mas a incômoda verdade que presenciamos dia a dia é a existência ainda de uma base significativa de apoio ao que chamamos de bolsonarismo, que ainda sustenta quase 30% de aprovação do governo nas últimas pesquisas. A desidratação do governo é lenta, muito mais lenta do que gostaríamos.

Entramos nos nossos parques dias de recesso, precisamos respirar e nos recompor para o que nos aguarda no início do ano acadêmico de 2021. Reforma administrativa, Reuni digital, cortes orçamentários, privatizações e destruição do Estado brasileiro: não são poucos os de-

saíofos que nos aguardam. No dia 7 de maio, apontamos que precisávamos nos preparar para ocupar as ruas, no dia 14 estivemos com os estudantes e as demais entidades da UFRJ pela primeira vez em uma manifestação presencial, desde que foi cancelada a de 18 de março de 2020. Já realizamos duas manifestações unitárias, que foram também bastante pedagógicas: 100% das pessoas utilizavam máscaras, portavam álcool em gel (que também estavam sendo distribuídos pelas entidades) e a maioria das pessoas respeitando o devido distanciamento. Podemos sair em segurança, mesmo que seja por pouco tempo, ao ar livre, com todos os cuidados. Que esses primeiros passos possam encorajar mais e mais pessoas. Na próxima manifestação, dia 24 de julho, o período letivo estará na sua segunda semana, muitos já terão tomado até a segunda dose da vacina. Vamos trabalhar para construir uma participação ainda mais significativa da UFRJ nessas manifestações

Há muito sabemos que o que está em jogo é o futuro e a sobrevivência da universidade pública. Desde o início deste governo temos alertado para o seu caráter antidemocrático e suas intenções golpistas. Há uma decisão que cabe a todos nós nesse momento e, para que ela seja tomada, não precisamos esperar o dia 24 de julho. Em cada esquina, em cada balcão de padaria ou farmácia, precisamos estar alertas e disponíveis, explicar e explicar o significado da crise que vivemos, das perdas que sofremos. Ao iniciarmos o fechamento dessa edição do jornal, recebemos os vídeos e fotos do presidente da República no Rio Grande do Norte ensinando crianças a não utilizarem as máscaras de proteção. A atitude não é nova, mas, ao ultrapassarmos o número de mais de meio milhão de mortos, ela se torna a marca do escárnio com que Bolsonaro vem tratando o problema. Zomba de nossa dor, afronta os princípios mais elementares de defesa da vida. Por todos nós, por nossas crianças, pelo nosso futuro, seguiremos nas ruas, nas redes, onde pudermos: #FORA BOLSONARO.



■ **O PROGRAMA ADUFRJ NO RÁDIO** desta semana analisa o tabuleiro político no Brasil. Os professores Eleonora Ziller e Josué Medeiros, diretores do sindicato, fazem um balanço das manifestações contra o governo do último sábado, 19 de junho, e projetam como será a disputa nas ruas dos próximos meses. Também discutem como a proximidade entre o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, e Jair Bolsonaro, dificulta o processo de impeachment.

ASSEMBLEIA ELEGE DELEGAÇÃO AO CONAD

A Assembleia Geral do dia 21 elegera a professora Eleonora Ziller, presidente da AdUFRJ, como delegada ao 12º Conselho Extraordinário do Andes (Conad). O evento, virtual, vai deliberar sobre as mobilizações contra a reforma administrativa e os cortes orçamentários na Educação, entre outros temas. Os professores Luis Acosta (Serviço Social) e Marinalva Oliveira (Faculdade de Educação) serão observadores.

O 12º Conad Extraordinário, com o tema central “Em defesa da vida, da educação pública e dos serviços públicos: resistir é preciso!”, será realizado nos dias 2, 3 e 10 de julho.

O retorno das manifestações de rua repercutiu na assembleia. A diretoria da AdUFRJ destacou a unidade entre os segmentos da universidade e a participação ativa da seção sindical na convocação para o ato do dia 19 e produção de materiais, como panfletos.

“As cinco entidades da UFRJ trabalharam juntas por esse ato na rua, em uma unidade que não foi possível em muitas outras universidades”, informou Eleonora. “O tamanho do dia 19J mostra que estamos no caminho correto”, avaliou.

“As duas passeatas, em maio e em junho, significam uma virada importante”, opinou o professor Luis Acosta. Para o docente, a mobilização reforça o desgaste do governo, já pressionado pela CPI da Covid no Senado.

Durante a reunião, foi aprovada ainda uma proposta apresentada pela professora Cristina Miranda, do Colégio de Aplicação, de apoio ao Projeto Nacional de Cozinhas Solidárias do MTST via Sindicato Nacional. (Elisa Monteiro)

NOTAS

ADEUS A ANA BEATRIZ FERNANDES FERREIRA

■ A AdUFRJ manifesta seu pesar aos amigos e familiares da professora Ana Beatriz Fernandes Ferreira, aposentada do Colégio de Aplicação, que faleceu por complicações em decorrência da covid-19. Mais uma vítima da inconsequência desse governo, e em nome de seu sorriso, de sua competência e coragem, seguiremos firmes na luta contra o negacionismo.



CONTRA O REUNI DIGITAL

■ O reitor da Universidade Federal da Bahia, professor João Carlos Salles, divulgou esta semana um artigo contra o “Reuni Digital”. A proposta do MEC sinaliza uma expansão de vagas no ensino superior público por meio da criação de uma Universidade Federal Digital. Mas seria um crescimento em que a Educação a Distância seria dissociada do ensino, pesquisa e extensão das federais já existentes, com grave impacto na autonomia didático-pedagógica. O dirigente também mostra preocupação com a questão orçamentária atual: “Projetar expansão a qualquer preço, em contexto de tamanha escassez, tornar-se-ia então um gesto mais eivado de populismo que de reflexão acadêmica aprofundada”, escreveu Salles.

ESPECIAL | CORTES NO ENSINO SUPERIOR

Orçamento da UFF caiu quase para a metade em sete anos

Linha de frente no combate à pandemia, as universidades providenciaram leitos hospitalares para o tratamento dos pacientes com covid-19, participam da vacinação, realizam pesquisas e testam a população. Mas, como mostra esta segunda reportagem da série em que o **Jornal da AdUFRJ** aborda as dificuldades financeiras das instituições, o esforço não é reconhecido pelo governo federal. Pelo contrário. Elas são punidas com cortes que, num futuro muito próximo, podem comprometer todas essas ações.

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

A Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ), contava com R\$ 275 milhões (valor corrigido pela inflação) em 2014 para manter e expandir as atividades acadêmicas e administrativas. Em 2021, o valor despencou quase para a metade: R\$ 146,5 milhões. Apenas do ano passado para cá, o orçamento da instituição foi subtraído em R\$ 32,9 milhões.

“Para nós, esse corte corresponde a três meses de funcionamento. Dezembro, novembro e outubro foram para o espaço”, critica o pró-reitor de Planejamento, professor Jailton Gonçalves. Um drama que se estende para a folha de pessoal. “O recurso aprovado na Lei Orçamentária só dá até setembro. Se não sair uma suplementação do governo, não teremos como pagar salários”, completa.

E cada centavo é importante para uma instituição gigantesca como a UFF. São 45.358 alunos na graduação e 9.165 pós-graduandos, segundo os últimos dados oficiais (de 2019). Eram 40.941 graduandos e 5.621 estudantes na pós-graduação há sete anos. A UFF mantém campi espalhados por todo o estado do Rio e mesmo em outros estados. Há um campus na longínqua Oriximiná, no Pará.

Sem dinheiro para o básico, já é possível imaginar o prejuízo para as várias atividades desenvolvidas pela UFF no combate ao novo coronavírus. “Muitos grupos de pesquisa e de extensão responderam à pandemia. Com fabricação de máscaras e face shields, produção de álcool em gel e álcool 70% distribuídos para os hospitais da região e para nosso próprio uso. Constituímos um centro de testagem de PCR e fizemos um inquérito sorológico para avaliação da presença ou contato com o vírus na comunidade”, afirma o reitor da UFF, professor Antonio Claudio.

E não foi só. “Atualmente o comitê científico de municípios, particularmente em Niterói. Tivemos ações de solidarieda-

de, com distribuição de cestas básicas aos mais vulneráveis, buscamos tratamentos e alternativas terapêuticas. O Hospital Universitário Antônio Pedro está atendendo covid-19 também, mas não como exclusivo. Colocamos toda a nossa frota de ônibus para transportar os profissionais do hospital”, acrescenta. “Os cortes podem afetar todas essas ações”, completa o dirigente.

IMPACTO SOCIAL

A reitoria teme que as contas da universidade voltem a ficar no vermelho com o mais recente tombo orçamentário. A atual gestão assumiu a universidade, em novembro de 2018, com uma dívida de R\$ 76 milhões. “Tivemos de fazer um exercício muito grande para corrigir esse problema. Começamos a cortar nos contratos de empresas terceirizadas. Sabemos do impacto social, mas infelizmente não conseguiríamos avançar, se não tivéssemos feito essa redução”, esclarece o pró-reitor de Planejamento. Na revisão dos contratos, aproximadamente 900 postos de trabalho foram eliminados, ao longo dos últimos três anos.

Hoje, o dirigente acredita que o esforço para liquidar o passivo — o que acabou ocorrendo no início de 2021 — deu o “fôlego” necessário para enfrentar este momento. Por enquanto, sem cortar em outras áreas. “Na área acadêmica, mantivemos os programas de apoio. Estamos sobrevivendo com os recursos que, obviamente, são insuficientes. A ‘sorte’ é que estamos em serviços online”, diz Jailton.

Mas o dirigente observa que os contratos, mesmo revisados, sofrem reajustes todo ano. “Tudo isso aumenta. Só não aumenta o orçamento da universidade. Vai chegar a um ponto em que eu não posso mais ajustar”, afirma. “Todas as pró-reitorias estão em regime de contenção total. Só atendemos ao emergencial”.

Se preservar o funcionamento mínimo está difícil, expandir a universidade parece um sonho distante. Em 2014, a UFF contava com uma verba de R\$ 61,5 milhões para investimento (R\$ 87,3 milhões, em valor corrigido pela inflação). Em 2021, o valor caiu para R\$ 4,1 milhões.



ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO UFF



AÇÕES importantes da UFF, inclusive no combate à covid-19, podem ser afetadas pelos cortes

Temos de divulgar o impacto do prejuízo diretamente para a sociedade

ANTONIO CLAUDIO
Reitor da UFF

A solução tem sido apelar para a criatividade. Um exemplo foi articular a cessão de uso do cinema da instituição, o Cinema Icaraí, para a Prefeitura de Niterói, por um período de 40 anos. Em troca, além da reforma do espaço, o município vai concluir a obra do novo

Instituto de Artes e Comunicação Social. “O prédio deve ser entregue em meados do ano que vem”, explica Jailton.

Para reverter os cortes, o reitor da UFF considera três frentes: pressão no MEC via associação dos reitores (Andifes), a negociação com parlamentares e a conscientização da população sobre o papel das universidades. “Temos de divulgar o impacto

do prejuízo diretamente para a sociedade. Existem as ações imediatas e as ações de produção de conhecimento, que são fundamentais para enfrentar todas as dificuldades do dia a dia, incluindo o combate à covid-19”, diz o professor Antonio Claudio. “Tornar isso uma narrativa da população e não só de quem trabalha nas universidades é um objetivo importante”, conclui.

ORÇAMENTO UFF

| DETALHAMENTO | EXERCÍCIO 2014* | EXERCÍCIO 2021 |
|--------------|--------------------------|--------------------------|
| Custeio | R\$ 187,8 milhões | R\$ 142,3 milhões |
| Investimento | R\$ 87,3 milhões | R\$ 4,1 milhões |
| TOTAL | R\$ 275,2 milhões | R\$ 146,5 milhões |

**valores atualizados pela inflação

DIAS MELHORES VIRÃO

> A manifestação de 19 de junho lotou ruas em todo o país e fortaleceu a esperança de dias melhores. Professores da UFRJ participaram ativamente dos protestos. Organizadores já marcaram o próximo encontro, em 24 de julho

PEDRO ROCHA / SINTUFRJ



LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Depois de 15 meses de isolamento social, e com uma terceira onda da pandemia no horizonte próximo, é claro que eu tive medo de ir para a rua, no meio de uma multidão. Mas venci o temor e, mesmo sem saber como reagiria no meio de tanta gente, fui para a Presidente Vargas no último sábado, 19 de junho. O medo de ter medo durou pouco. Estava cercado de pessoas preocupadas em manter suas máscaras e procurando algum distanciamento. Em instantes, eu estava mais tranquilo e caminhava pelo Centro do Rio de Janeiro cheio de esperança.

“Medo eu tenho, mas a gente precisa vir para a rua para parar este homem”, me disse Isabel

Fernandes. Com seus “mais de 70” anos, ela carregava um cartaz que dizia “Tanta coisa errada que não cabe em um cartaz. Fora, Bolsonaro”. Aposentada, Isabel estava na rua, enfrentando uma pandemia, para defender a vida. Sua presença ali, nossa conversa, eram lembranças importantes de que aquela multidão não estava na rua por capricho, mas para enfrentar um projeto de morte e destruição do país.

Lutando pela vida, cercado de gente depois de muito tempo em isolamento, com baterias marcando o ritmo da passeata e ajudando a entoar as palavras de ordem, a Presidente Vargas se tornou o lugar do encontro. Do encontro de conhecidos que não se viam há meses, de desconhecidos com a multidão e um encontro das pessoas com a rua, o palco maior de disputas políticas.

“Uma linda passeata. Diversa, de muitas cores, muitas ban-

deiras, muita energia”. Assim a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, definiu o ato, ainda enquanto ele se dispersava, na Candelária. “A gente sai daqui com o coração aquecido”, resumiu. Suas palavras expressam bem o sentimento coletivo ali naquela manifestação. Tão forte que podia ser sentido por qualquer um que estivesse ali. Efeito do encontro daquelas dezenas de milhares de pessoas em uma luta em defesa da vida.

O professor João Torres de Mello Neto, do Instituto de Física da UFRJ, foi ao ato e ficou feliz por encontrar as suas filhas, Juana e Cora. “Foi muito bom poder encontrá-las”, contou. Ir à manifestação também era uma preocupação para João, mas ela foi superada na rua. “Eu mesmo confesso que tenho questões de vir para a rua no meio da pandemia, mas coloquei duas máscaras, tentei ficar relativamente longe das pessoas e acho

que não tive problemas”, relatou. Para ele, o dilema entre se expor ao risco ou lutar contra o governo tem uma resposta. “Aquele antigo ditado, entre a cruz e a espada, agora virou entre o vírus e Bolsonaro. Mas como o Bolsonaro está do lado do vírus, vamos para a rua combater os dois”, disse o professor.

A possibilidade de estar junto foi uma das forças da manifestação. A professora Beatriz Resende, da Faculdade de Letras da UFRJ, teve essa mesma sensação. “Foi uma volta às ruas, um reencontro com os companheiros, e isso já me deu ânimo e esperança”, contou a professora. Em tempos de isolamento, com a UFRJ sem aulas presenciais há mais de um ano, rever os colegas e os jovens estudantes, que vieram em bloco representados pelo DCE, foi revigorante para Beatriz. O encontro proporcionou essa vivacidade. “A energia era de esperança, de positivida-

de. Essa volta às ruas tem que mostrar que foi preparada. Que estamos esperando por isso, que queremos ser vistos e que essa voz das ruas vai significar alguma coisa”, observou a professora.

A comoção coletiva na Presidente Vargas, com uma multidão com cartazes, vestindo as mais variadas cores e caminhando, cheia de esperança, ao som de baterias me remeteu, talvez por saudade, ao carnaval. Em 2018, a Mangueira venceu o carnaval com um dos desfiles mais potentes já vistos na Sapucaí. O enredo contava a história do Brasil pela perspectiva das pessoas negras, das mulheres, dos torturados e perseguidos pela ditadura. Sai da Candelária no sábado com um verso daquele samba na cabeça. Um verso que me explicava o que eu tinha visto e o que ainda está por vir, sempre com a certeza de que é “na luta é que a gente se encontra”.

FERNANDO SOUZA



PROFESSORES Felipe Rosa, Eleonora Ziller e Beatriz Resende



PROFESSOR João Torres com as filhas, Juana e Cora



PROFESSORA Luciana Boiteux

PEDRO ROCHA / SINTUFRJ

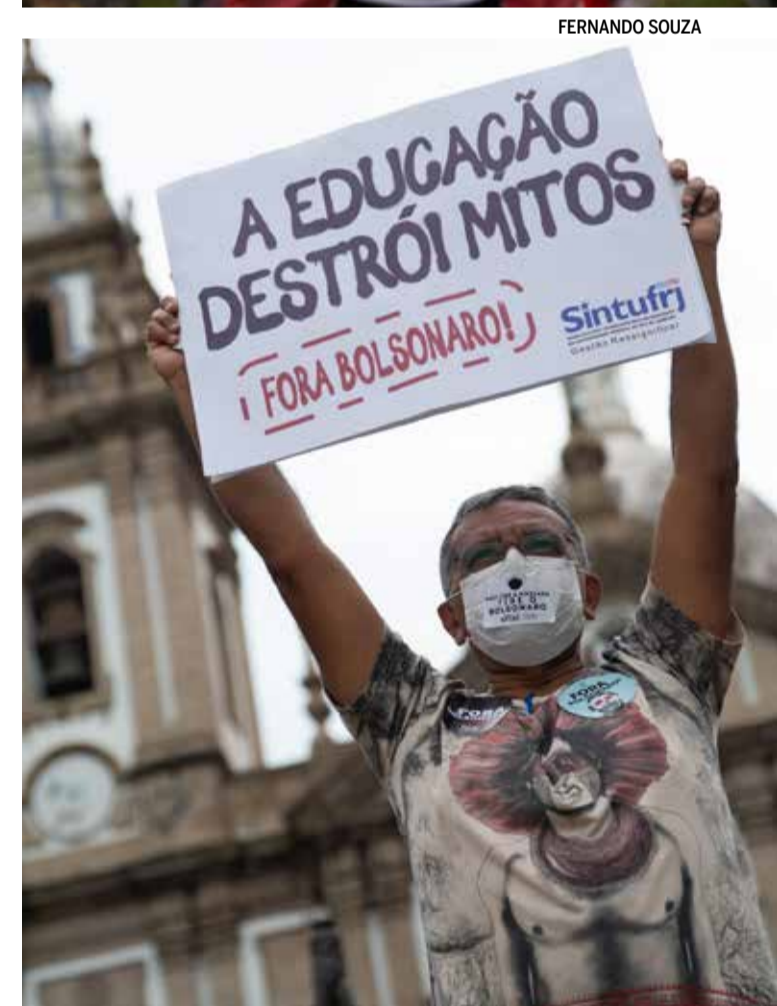


PEDRO ROCHA / SINTUFRJ

FERNANDO SOUZA



FERNANDO SOUZA



24 DE JULHO: MOVIMENTOS MARCAM NOVA DATA DE PROTESTOS

O dia 19 de junho contou com atos em quase todas as capitais. Diante do sucesso, a organização do movimento “Fora, Bolsonaro” convocou novas manifestações para o dia 24 de julho.

Para Flávia Calé, presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos, uma das entidades organizadoras do movimento, o 19 de junho mostrou que os atos têm sido bem-sucedidos. “Temos tido êxito em construir atos

que assegurem as medidas sanitárias. E vamos ficando mais à vontade para construir essa agenda de mobilização de rua”, contou.

A nova data das manifestações é mais de um mês depois do 19 de junho. Essa distância foi alvo de críticas nas redes sociais. Mas para Flávia esse tempo é importante em nome da segurança sanitária e para o desenvolvimento do movimento. “Em um contexto de pandemia é difícil

chamar atos de rua, por isso não podemos banalizar. Precisam ser atos bem construídos, para alcançar muita gente, sob pena de termos atos que começam a definhir”, explicou a presidente da ANPG. “Mais tempo ajuda na construção de unidade entre os movimentos. Nossa tentativa tem que ser de ampliar a mobilização, para que a gente não fique só no espectro da esquerda, mas consiga avançar para o centro democrático”.

Josué Medeiros, cientista político e diretor da AdUFRJ, achou acertada a decisão de marcar os próximos atos em 24 de julho. “O que temos que fazer até lá é produzir atos descentralizados”, defendeu Josué. “O fato do ato unificado ser em 24 de julho não nos impede, pelo contrário, nos exige que façamos pequenas intervenções, nas praças, nos bairros, para preparar o clima para o ato do dia 24”, explicou.

20X CINECLUBE



KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Que tal assistir ao documentário “Jango” (1984) e, logo em seguida, discutir o filme com o próprio diretor, Silvio Tendler? Ou conversar com um cineasta indígena, direto do Xingu, sobre produções audiovisuais que abordam o cotidiano das aldeias? Ou, ainda, com ajuda do historiador Francisco Carlos Teixeira, identificar os traços autoritários da sociedade atual no cinema italiano do século XX? Este “cardápio”, diversificado e de qualidade, tem sido a marca do CineAdUFRJ, que completa 20 sessões na próxima semana.

O cine nasceu de uma parceria entre o sindicato e o Grupo de Educação Multimídia (GEM) da Faculdade de Letras, no início das medidas de isolamento social. A primeira sessão ocorreu em 29 de abril de 2020, sobre o filme “Você não estava aqui”, do cineasta britânico Kean Loach, debatendo o universo do trabalho contemporâneo. “A nossa preocupação era como fazer a universidade ter uma vida cultural online na pandemia”, explica a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller. As sessões, realizadas na plataforma Zoom, são abertas. Os links são divulgados previamente na página do GEM e nas mídias do sindicato.

E a vida cultural intensa é o que não falta no cineclube, que discute temas da conjuntura através da interpretação de grandes clássicos, produções independentes e mesmo do cinemão comercial. “Trabalhamos com fragmentos de filmes, apresentando olhares diferentes sobre um mesmo tema”, diz Eleonora. Para ninguém ficar perdido, em toda sessão é apresentada uma “costura” dos pedaços de cada obra.

A presidente da AdUFRJ entende que a iniciativa tem tudo para crescer e se tornar uma atividade permanente do sindicato. “Há muitos núcleos que discutem cinema na UFRJ. Na Educação, na Comunicação, em diversas áreas”, afirma. “Espero que a ideia frutifique, que novos vínculos sejam construídos para o futuro”.

“AMPLIAMOS O ALCANCE”

A criação do cineclube também foi vantajosa para o GEM/Letras, que é voltado para a formação de professores de linguagens. Atividades ligadas ao cinema, claro, faziam parte do projeto. Mas a cooperação com o sindicato potencializou esta parte desenvolvida pelo grupo. “Sistematizamos a prática, ampliamos o alcance do debate e aprofundamos os temas”, diz o professor Paulo Maia, que faz parte da coordenação desde 2016.

A proposta está em constante aperfeiçoamento. Um exemplo é a redução do tempo para as apresentações iniciais dos convidados. “Antes, a gente dava 20 minutos e percebemos que isso era uma enormidade na internet”, acrescenta o docente da Letras, que enfatiza não haver perda de conteúdo. “Depois, no debate, o palestrante pode aprofundar o tema”. Outro critério desenvolvido ao longo do cineclube é manter, entre os especialistas, pelo menos um representante da universidade e um debatedor externo.

Ao fim de cada sessão, recomeça o trabalho para produzir a próxima. Temas são sugeridos, avaliados e preparados em conjunto entre os estudantes e professores. “Faz parte da construção coletiva e democrática do próprio projeto”, diz Paulo.

Entre todas as sessões, o professor chamou atenção para um fato da edição de 26 de agosto, que abordou o protagonismo indígena no cinema. O cineasta Takumã Kuikuro participou diretamente de sua aldeia, no Xingu, graças a um equipamento movido a energia solar. “Podemos dizer que realizamos o cineAdUFRJ no coração da Amazônia. Pudemos trazer o Xingu para a UFRJ e levar a UFRJ para o Xingu”, relata Paulo.

Com mais de um ano de duração, o cineadufrrj já produziu outras curiosidades. Uma delas é que o professor José Carlos Félix, da Universidade Estadual da Bahia, convidado em outubro passado para falar sobre direito à cidade, acabou se tornando um sócio de carteirinha do evento. “Foi amor à primeira participação”, brinca o coordenador do GEM.

A vida longa do projeto já era um desejo dos organizadores. “O que não imaginávamos era que o formato online fosse durar tanto. A gente não vê a hora de voltar às atividades presenciais para

manter o cineclube presencial e aproveitar a vantagem dessas plataformas digitais para ampliar a participação dos convidados e interessados”, afirma Paulo.

Os estudantes também elogiam a parceria com o sindicato. Hoje professora substituta do Departamento de Letras da UFRRJ, Sabrina Lopes ingressou nas atividades do GEM durante o doutorado na UFRJ. Segundo ela, que segue colaborando com o grupo mesmo após a conclusão do curso, a experiência ajuda muito seu trabalho atual, em tempos de aulas remotas. O cineadufrrj se tornou uma de suas referências. “Estou dando um curso de análise do discurso. Os debates me trouxeram referências e um olhar para a linguagem que eu não tinha”, observa.



QUESTÃO PALESTINA

O cineclube não foge de temas polêmicos. A próxima sessão, no dia 30, às 18h30, vai debater a questão palestina com Michel Gherman, historiador, professor e coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da UFRJ e Ualid Rabah, presidente da Federação Árabe Palestina do Brasil.

O contexto dos ataques entre os dois lados nas últimas semanas e da mudança do primeiro-ministro israelense motivou a realização do painel. “Vimos uma oportunidade de entender as raízes do problema é como ele se transforma”, diz o coordenador do GEM, que ainda pretende discutir o negacionismo da Ciência e a matriz energética dentro do cineclube.

